



Universidade da Amazônia

Dona Guidinha do Poço

de Manuel de Oliveira Paiva



NEAD – NÚCLEO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Av. Alcindo Cacela, 287 – Umarizal

CEP: 66060-902

Belém – Pará

Fones: (91) 210-3196 / 210-3181

www.nead.unama.br

E-mail: uvb@unama.br

Dona Guidinha do Poço

de Manuel de Oliveira Paiva

LIVRO PRIMEIRO

CAPÍTULO I

De primeiro havia na ribeira do Curimataú, afluente do Jaguaribe, uma fazenda chamada Poço da Moita. Situada no século passado pelo português Reginaldo Venceslau de Oliveira, passou a filhos e netos. Se não fora o desgraçado acontecimento que serve de assunto principal desta narrativa, ainda hoje estaria de pé com ferro e sinal.

À margem esquerda do impetuoso escoadouro hibernino, a casa grande amostrava-se num alto, de onde se enxergava grande distância em derredor, principalmente pela seca. Durante o inverno, a superabundância de folhagem restringia sensivelmente o campo de visão. Para leste via-se uma série de colinas que faziam o sol aparecer mais tarde. Divulgava-se para o sul, que era o lado da frente, um pico azul, o serrote de Meruanha; e para o ocaso, bem no horizonte, mais uma três ou quatro dentes das serras do Batista e do Papagaio, que abriam um boqueirão ao rio Curimataú.

Poço da Moita por último passara para Margarida, a primeira neta do Reginaldo, filha do Capitão-Mor, casada com o Major Joaquim Damião de Barros, um homenzarrão alto e grosso, natural de Pernambuco — uma boa alma. Viera ao Ceará à compra de cavalos, e por cá se ficou amarrado aos amores e aos possuídos da muito conhecida Guidinha do Poço. Tinha o preto do olho amarelo, com a menina esverdeada, semelhando um tapuru.

Não seja para admirar a seqüência, logo ali assim, de dois postos militares, capitão-mor e major. Mais virão. E quase tantos sejam os homens de gravata, que este acanhado verbo por aqui vá pondo de pé, quantas as patentes. Era antigo vezo. Não que militares fossem de índole, nem de prosápia: alguns o foram de crueldade. Todavia, desculpe-se-lhes a fonfança pela tendência natural que temos todos nós de nos enfileirmos aí numa qualquer ordem, que distinga. E eles, os matutos, coitados, não sobressaíam pela profissão nem pela cultura.

Outro motivo para explicar o alto preço com que encareciam os barateados títulos, outorgados pela munificência administrativa, seria a persistência dos costumes portugueses onde tudo que descia del-rei era como se de Deus viera. A consciência republicana não se adunara ainda com aquela vida rural, em pleno ar, sob um céu ardente e oco, em uma natureza incerta, que arrasta o homem a precisar de uma Providência divina e de outra humana, e o impele noite e dia para o amor, esse ócio, em incessante desequilíbrio com as outras necessidades. Daí, numa tendência monoteísta e monárquica, Deus e o vigário, o rei e o presidente.

Margarida, isto é, a Guidinha, apesar de sua princesa, não casou tão cedo como era de supor. Parece que primeiro quis desfrutar a vidoca. Seu pai, o segundo Venceslau, capitão-mor da vila, possuía largas fortuna em gados, terras, ouro, escravos... Fora um rico e um mandão.

Aqui vai o resumo de uma relação ou nota do que se lhe achou, imperfeita e truncada como o são geralmente os inventários, mas autêntica, encontrada num alfarrábio do Padre Costinha, quase ilegível:

OURO

Moedas de ouro de 20\$ e de 40\$ (estava apagado o algarismo).
Pares de fivelas de ouro cortado, 40 oitavas (a 2\$500 a oitava).
Idem, pequenas, 34 oitavas.
Par de fivelas grandes de liga, cortadas (não sei quantas oitavas).
Grande crucifixo com cruz de caixão, 14 oitavas.
Par de brincos, 5 e meia oitavas e 13 grãos.
Par de brincos com aro de gancho, 5 oitavas.
Par de brincos de gaiola, 7 oitavas menos 8 grãos.
Duas varas e meia de cordão grosso, 14 oitavas.
Três varas de cordão fino de braços, 11 oitavas.
Vara e meia de cordão fino, 5 oitavas e três quartos.
Dois braceletes de colar grosso de pescoço, 19 oitavas.
Duas varas e meia de colar grosso de pescoço, 31 oitavas e meia.
Três varas de colar fino de braço, 14 oitavas.
Par de brincos de diamante, 3 e meia oitavas de ouro.
Um coração de pescoço de senhora, 2 e meia oitavas.
Um mais pequeno, 1 oitava.
Redoma de ouro cortado, 7 oitavas.
Relicário grande de dois vidros, 24 oitavas.
Imagem da Conceição, vazada, com o peso de 2 oitavas e 9 grãos.
Crucifixo pequeno e cortado, 2 oitavas e três quartos.
Pares de botões de punho, cortados, do molde roda de Serge, 5 e meia oitavas.
Mais una doze pares de ditos.
Um requife de cordão de ouro, 4 e meia oitavas.
Um rosário com Cruz Angélica e Padre-Nosso, 6 oitavas.
Um par de corralinas de pedra branca.

PRATA

Jarro grande d'água de mãos lavrado a cinzel, 224 oitavas (a \$160).
Bacia, 312 oitavas.
Leiteira cinzelada, 112 oitavas.
Açucareiro cinzelado, 104 oitavas.
Tigela de lavar, 80 oitavas.
Cafeteira cinzelada, 288 oitavas.
Par de castiçais lisos, 168 oitavas.
Salva cinzelada, 88 oitavas.
Idem, pequena, 72 oitavas.
Copo de beber água cinzelado, 100 oitavas.
Colher de sopa, 48 oitavas.
Idem, concha lavrada, 40 oitavas.
Copinho, 31 oitavas. Idem, 48 oitavas.
Quatro garfos, 50 oitavas.
Quatro colheres, cabos lavrados, de concha, 62 oitavas.
Seis ditos lavradas, 81 oitavas.
Quatro ditos de cabo liso, 56 oitavas.

Nove cabos de faca lavrados de concha, 10 oitavas.
Cinco ditos lavrados a cinzel, 50 oitavas.
Doze ditos lavrados de zabumba, 144 oitavas.
Doze colheres de cabo liso, 162 oitavas.
Doze garfos, cabo liso, 155 oitavas.
Dezoito colheres de chá, cabo de zabumba, 118 oitavas.
Duas ditas, cabo liso, 7 oitavas.
Colher de açúcar, escumadeira e uma mola, pertencentes ao aparelho de chá, 29 oitavas.
Uma ferragem pequena com estribos e aparelhos de cabeçada, 300 oitavas.
Uma ferragem grande completa, 704 oitavas.
Uma dita menor, 402 oitavas.
Outra de 766 oitavas.
Esporas pequenas, 74 oitavas.
Esporas grandes de carranca e corrente, 96 oitavas.
Ditas pequenas, 49 oitavas.
Par de castões de coldres, 28 oitavas.
Par de cernelhas de fivelas, 11 oitavas.
Dito menor, 2 oitavas.

COBRE

Tacho, oito libras.
Bacias de cozer doces, de sangria, de dar água às mãos (latão).
Almofariz (bronze).
Bacia de barba (latão).
Um sino.

FERRO

Ferragens de carpina. Serra braçal. Uma menor. Aço em vergas. Serrotes de serrar gado. Pás. Alavancas. Machados. Machadas. Ferros de cova. Machadinhas. Espingardas, clavinas, granadeiras. Jogos de pistolas bronzeadas e correntes. Marcas de ferrar gado. Giz de gizar gado. Chocalhos. Florete dourado de ponta direita, com o talim.

BENS MODOVEIS

Oratório de três vidros. Modo vez de pau-amarelo, de imburana, de cedro. Cômодas. Canapés. Dois trenós com mesa de assento de pedra-mármore e pés dourados, com dois espelhos grandes de vestir. Cadeiras pintadas. Duas cadeiras grandes de sola picadas. Tábuas e rolos de cedro. Carros, cangas, malas de sola, caixões de despejo, malas de despejo, malas de pregaria, etc. Selins, selas bastardas, selas ginetas, cilhões com coldres e capeladas. Capas de (cilhão) de marroquim, etc. Fiador de canotão (de espada).

Vinte e três escravos. Vacas paridas, 1435. Novilhotas, 190. Garrotas, 277. Bezerras, 308. Bois de carro, 46. Bois de lote, 20. Novilhos pais, 20. Boiotes, 148. Novilhotes, 31. Garrotes, 490. Bezerros, 300. (Avaliados: vaca a 10\$, novilhota 8\$, garrota 5\$, bezerra 2\$500, boi de carro 16\$, boi de lote 12\$, novilho pai 10\$, boiote 9\$, novilhote 8\$, garrote 5\$, bezerro 2\$500).

Bestas solteiras 276, a 14\$. Poldretas de 2 anos, 42 a 12\$. Poldrinhas, 63, a 6\$. Cavalos em grão, pais de bestas, 18, a 16\$. Ditos em grão, de fábricas, 32, a

18\$. Cavalos capados, de fábrica, 113, a 20\$. Poldrestes de dois anos, 2, a 2\$. Poldrinhos, 58, a 6\$. Cavalo de sela, em grão, 1, 50\$. Um dito velho, 25\$000. Ovelhas, 20, a 640\$. Cabras 40, a 640\$.

BENS IMODOVEIS

As terras das fazendas Poço da Moita, Amparo, Bom-Sucesso, Mazagão, Mulungu e Imboatá.

Cinco prédios na vila.

A isso tudo acrescentava-se o mais, que não costuma aparecer nessas ocasiões por um processo de eliminação conhecido de quem ficou na posse dos bens, entre o falecimento e o inventário.

Os parentes se queixavam de que o Venceslau, viúvo, criou a menina absoluta. O caso é que ela cresceu com todos os pendores naturais, uns por enfrear, outros por desenvolver. Criou-se como a vitela do pasto. A avó, mulher do primeiro Reginaldo, tão ríspida na educação dos filhos, foi de uma notável frouxidão para com a neta Guidinha. Se acontecia o pai repreender a bichinha, logo a velha reclamava, a trocar os bilros na sua almofada, levantando as cangalhas

— Deixa a menina, Lau! Guidinha, passa praqui.

Venceslau, como todos os fazendeiros ricos, tinha uma casa na vila para arranchar ou para passar temporadas pela festa do Natal, pela do padroeiro, ou pelas eleições. Aí, na vila, passou a Guidinha, em companhia da avó, os quatro anos que gastou na escola régia, onde aprendeu a ler por cima: o catecismo, as quatro espécies de conta, e a escrever sem aporo. Saía de casa e entrava quando queria. Corrigia a vila sozinha, habituada como estava aos conselhos e birras da avó, que parecia achar um certo gozo, diga-se a verdade, nas desobedienciazinhas da sua primeira neta. Quando iam moças à Fazenda do Poço em extravagâncias de juventude sertaneja, entrava a menina a saltar nas pontas dos pés, cantando que também ia... Na hora da partida, pulava a uma garupa, e lá se atirava, fazendo parte do alegre rancho com um aprumo de mulher feita. Podia o cavaleiro largar a toda a brida, que ela, segurando-o de leve pelas costas, seguia assentada no cavalo com destreza e calma de vaqueiro.

Aos dez anos, achando que já não era para andar de ancas, pois já lhe gabavam à avó que parecia uma mocinha, obrigou o pai a mandar fazer-lhe um cilhão pequeno, apropriado aos seus quadris.

Aos catorze anos, quando as nossas meninas são feitas de amor e de susto, Guidinha atravessou o impetuoso Curimataú, de margem a margem, só porque uma outra duvidou.

— Duvida? disse ela, grelando o olho.

Corou, conteve um ímpeto, e ganhou o meio do rio:

— A pois lá vai!

Nadava de braça como os homens, e não como as mulheres, que trabalham com as mãos por debaixo d'água, pelo instinto de pejo, e vão assim batendo os pés à tona.

O pai tinha desgosto de que ela não fosse macho.

Casou Margarida, finalmente, aos 22 anos, já morto o velho Venceslau. Naquela sertão havia por esse tempo muita abastança, por modo que um grande pecúlio não era lá nenhum desses engodos. Os mancebos, que freqüentavam a casa, freqüentavam-na sem dúvida por causa da moça, por via de ser ela muito de liberalidades, muito amiga de agradar, não poupando nem mesmo as pequenas carícias que uma donzela senhora de si pode conceder sem prejuízo da sua física inteireza. Aconteceu a uns dois se lhe apegarem de rijo, porém as respectivas famílias, com a implosão que então os pais ainda abocanhavam, os desviaram; um deles, até à força bruta, quase amarrado, foi recambiado para Olinda, onde se ordenou.

Todavia, contando-se este caso ao Ver. Visitador, que nesse tempo era o cura de Russas do Jaguaribe, balançou a cabeça em ar de motejo e de antigo entendedor de mulheres e de namoros:

— Feiosa, baixa, entroncada, carrancuda ao menor enfado, disse ele, não admito que homem algum se apaixone pela filha do Capitão-Mor, salvo se não é aquela que eu tenho visto no Poço da Moita, onde cheguei a passar mais de uma semana com as febres. Vão ver que ela usou de feitiçaria... Ora se não é isso! Vão ver.

— O Rev. Visitador ainda credita em urucubacas?

— Se creio! O Inimigo do gênero humano não dorme. E mulheres? Mulheres! mulheres! A nossa mãe Eva que não me deixe mentir.

Em todo caso, razão tivesse ou não o sacerdote, é certo que o começo do tirano amor é sempre de umas exterioridadezinhas, pontinhas de dotes profundos, que, em faltando, a mulher parece antes um homem, ou antes um animal sem sexo. Margarida era muitíssimo do seu sexo, mas das que são pouco femininas, pouco mulheres, pouco damas, e muito fêmeas. Mas aquilo tinha artes do Capiroto. Transfigurava-se ao vibrar de não sei que diacho de molas.

Esposando ao Major Joaquim Damião de Barros, uns dezesseis anos mais avançado que ela na idade, passou a chamar-se Margarida Reginaldo de Oliveira Barros. Se, recebendo o nome do marido, ela fez tudo o mais que ordena a Santa Madre Igreja, a Deus pertence.

CAPÍTULO II

Estava-se em fevereiro, e nem um pingo de água. O poço da Catingueira, o mais onça da ribeira de Banabuiú, que em 1825 não pôde esturricar, sumia-se quase na rocha, entre as enormes oiticas, de um lado, e do outro o saibro do rio. Era um trabalhão para os pobres vaqueiros: aqui, levantar uma rês caída; ali, fazer sentinela nas aguadas a fim de proteger o gado amofinado contra a crueldade do mais forte; e, todos os dias que dava Nosso Senhor, cortar rama. E ainda tinham de percorrer constantemente as veredas e batidas para acudir prontamente à rês inanida de fome e sede, perseguir os porcos que algum desalmado vizinho teimava em criar, persegui-los a bala, porque o torpe cabeça-baixa impestava os bebedouros.

Era preciso o vaqueiro da Guidinha tornar-se ubíquo, para o que ocupava os seus filhos e alguns escravos do amo. O boi com a vista do homem parecia reanimar

como se tivera consciência de que ambos padeciam sob a indiferença do mesmo céu.

E estão, só ali, no espaço de três léguas, cinco fazendas. Ajuntem a isto as retiradas, que procedem do sertão do Canindé, do Quixadá, e de tantos outros, e vejam se é possível em tão pouca terra, com tão pouca rama e pouca água, ter o bastante para tanta boca.

Além da sequeidão, o mal, desenvolvido na bebida infeccionada pelos amaldiçoados paquidermes e pelo contágio doentio da rês viajada. Só o Major Quinquim Damião do Poço da Moita perdera, até ali, cinqüenta vacas amojadas, isso apesar dos vaqueiros passarem todo o dia a tratar do gado. Quanto mais não perdiam os outros que não se apuravam tanto?

Fizeram-se todos os remédios para chover. O vigário da freguesia, cuja sede ficava a três léguas e um quarto, além das preces que a Santa Madre Igreja aconselha, consentiu que o povo, em procissão, mudasse a imagem de Santo Antônio da matriz para a capela de Nossa Senhora do Rosário, que era o melhor jeito a dar para Deus Nosso Senhor ensopar a terra com água do céu. Todavia, apesar de as seis pedrinhas de sal, da noite de Santa Luzia, 13 de dezembro, terem marcado inverno para fevereiro, o dito céu permanecia implacável.

Entrou março, novenas de São José.

O calor subira despropositadamente. A roupa vinha da lavadeira grudada do sabão. A gente bebia água de todas as cores; era antes uma mistura de não sei que sais ou não sei de quê. O vento era quente como a rocha nua dos serrotes. A paisagem tinha um aspecto de pêlo de leão, no confuso da galharia despida e empoeirada, a perder de vista sobre as ondulações ásperas de um chão negro de detritos vegetais tostados pela morte e pelo ardor da atmosfera. As serras levantavam-se abruptamente, sem as doces transições dos contrafortes afofados de verdura.

Serrotas pareciam umas cabeças de negro peladas de caspa. Ao meio-dia a cigarra vinha aumentar a impressão ardente. Os bandos de periquitos e maracanãs atravessavam o ar, em busca do verde, espalhando uma gritaria desoladora, sem um acento de úmida harmonia, sem uma doce combinação melódica, no ritmo seco, árido, torrefeio, de golpes de matraca. O viajante, ao caminhar por algum souto de angicos e paus-d'arco, sem uma folha, penetrava instintivamente com o olhar por entre os troncos e garranchos com uma sede, já não de água, mas de uma notazinha vibrada por goela de pássaro cantor. Lá uma rolinha, lá um quenquém apenas piando.

O pobre emigrava como as aves, que vivem ambos do suor do dia. Eram pelas estradas e pelos ranchos aquelas romarias, cargas de meninos, um pai com o filho às costas, mães com os pequenos a ganirem no bico dos peitos chucados — tudo pó, tudo boca sumida e olhos gelados, fala tênue, e de vez em quando a cabra, a derradeira cabra do rebanho, puxada pela corda, a berrar pelos cabritos.

Margarida era extremamente generosa para os retirantes que passavam pela sua fazenda. O que lhes pedia era que não ficassem; dava-lhes com que se fossem caminho fora a procurar salvação nas praias, que era só para onde a Rainha olhava. Tinha duas escravas incumbidas unicamente de servi-los, já a dar leite cozido às criancinhas, já a passar na água alguns molambos que as pobres mães não tinham força para lavar, agora a armar-lhes redes no telheiro da casa de farinha, agora a fornecer-lhes carne-seca, farinha e rapadura.

Mas que se fossem pelo amor de Deus! Bem sabia ela que dois dias depois o retirante se tornava agregado. E agregado para quê?

Em vindo o inverno, arribavam todos para os seus sertões, e adeus minhas encomendas. Além disso, gente de toda a parte, até do Rio Grande do Norte e Paraíba, e quem sabe quantos assassinos?

O marido levava a mal aquela prodigalidade caritativa, mas lho fez ver em muitos bons termos, com umas delicadezas de quem quer bem.

Margarida calou-se; e continuou, na expansão natural de uma vontade sua. Até, pelo contrário, parecia tornar-se mais mãos abertas para com os famintos. Terceira admoestação do marido. Então ela voltou-se-lhe friamente:

— Eu dou do que é meu.

— E agora, Senhor Quinquim, que responder-lhe? — murmurou consigo o major. Ela dá do que é seu! Dá do que é seu!

Era a primeira vez que a mulher lhe falava com menos respeito. Se arrependimento salvara... Mas para que a provocou? Para que a atacou de frente? Bem lhe conhecia a índole. Margarida era como um palácio cuja fachada principal desse para um abismo. Só havia penetrar-lhe pela insídia, pelas portas travessas. O homem quando a desposara possuía apenas alguns vinténs de seu. Reconhecia que para viver com a mulher precisava de ter uma certa habilidade, faculdade essa que lhe era porém inacessível. Amara à Margarida em demasia, creio, e o vigor nervudo e musculento da herdeira do marinheiro Reginaldo Venceslau era como um moirão a que o Senhor Quinquim se deixara gostosamente sujeitar.

CAPÍTULO III

Entre os retirantes passou um da Serra do Martins, Rio Grande do Norte, com a mulher, seis filhos e dois cunhados, cada um destes com quatro filhos e mulher. Tipo acabrunhado, alto, corpulento, de topete caído sobre a testa como crista de peru. Já vinha muito roto o seu chapéu de couro. A camisa e a ceroula já não tinham mais cor.

Ao cair da tarde, arranchado ele com a sua gente em uma casa abandonada, ao pé do alto, perto da trempe de pedras onde fervia o feijão com arroz, recortava de uns tampos de couro cru umas palmilhas para as alpercatas; pois, coitado, as suas estavam roídas e sem correias.

A apregata, aos sertanejos, lhes é tão indispensável como o cachimbo e a faca no quarto.

Olha ela para a catinga, e vê dois cavaleiros apontarem no vaquejador. É raro ao sertanejo deixar de notar as pessoas que topa no caminho, o gado que vê pastando, e por aí além, com presteza e precisão. Lembra o mareante, no seu deserto de águas, a quem igualmente não escapa o menor batel que pinte ao alcance de seus olhos nus.

Firmou a vista:

— Um empanado e um encourado, disse.

De feito, aproximados, reconheceu um homem gordo, com um chapéu de manilha, vestindo brim pardo, botas vermelhas, cavalgando um bom cavalo de sela cardão rodado; e, em seguida, um pajem, mulato novo, ainda moleque, de roupa de couro e amplo matulão na garupa.

Os cavaleiros subiram o alto, foram apejar na porta da fazenda. Aí o pajem desvencilhou os animais, entregou lanudo matulão de pele de carneiro a uma crioula, despiu a véstia e as perneiras, recolheu os arreios a um quarto contíguo à habitação e saiu puxando o burro e o cavalo, caminho ao rio.

Neste comentos a mulher do rio-grandense chegava-se para este, que voltara a lapear o couro molhado, sentado num pedaço de rochedo que abrolhava fora da terra:

— Toinho, aquele é o Seu Damião.

— Que Damião, mulher?

— O Damião da Imbiratanha, filho da velha Luzia do Quinquim, da cidade de Sousa, que fez uma viagem com você para o Uricuri...

O marido, ligando idéias:

— Ai, homem! A pois querem vê que ele é mesmo, minha gente! E nem me conheceu!

— Pois ele haveria de lhe reconhecer assim como nós estamos? Vai lá, Toinho, pode ser que até ele nos deixe ficá aqui nas terras dele, enquanto não chove.

— Eu, não, mulher. Não vou me apresentar aos homens assim nesta miséria desgraçada.

— Que é isso? E como nos havemos de arranjá?

— Assim naufragado não me apresento a conhecido, só não sabendo quem é.

— Tu não vai mesmo, não, Toinho?

— Com meus pés não vou não, mulher.

Fez lua nessa noite.

Carolina, que era o nome da retirante, subiu ao alto por junto ao cercado, atravessou o vasto pátio da fazenda, e foi-se chegando para a habitação dos donos. O Quinquim mandara armar rede no alpendre, e aí estava deitado, silencioso, pitando fumo a olhar para o campo suavemente iluminado. Carolina deu-lhe boa-noite, e ficou calada. Depois de um pedaço:

— Vosmecê não é o Seu Damião?

Este, que não era conhecido pelo seu nome senão em Pernambuco e Paraíba, àquela pergunta em que a audácia da mulher pôs um artifício, moveu-se maquinalmente, depondo o cachimbo:

— Sou, sim. Que quer?

— A pois nós somos do Rio Grande... Mas porém... conheço vosmecê desde quando passou lá por casa com meu marido...

— Quem é seu marido? Disse vagarosamente o fazendeiro.

— É o Toinho Silveira.

— O Antônio Silveira? O meu velho arrieiro? Tocava muito bem viola, ninguém encilhava tão bem um cavalo. Que é dele?

— Já largou essa vadiação de viola, anda muito por baixo...

— Ele veio com você?

— Nós estamos no pé do alto, numa casa velha. Penso que Sinhá Dona mandou nós pra lá...

O fazendeiro, no tédio em que ia mergulhando o seu lar pelas incompatibilidades de natureza, que o tempo já não podia conter, sentia-se tomado por uma saudade da sua província, do seu passado pobre, que agora surdia com um sabor de sonho. Tomou os chinelos de vaqueta, tirou de um torno o chapéu de couro, enfiou a faca no cós, por hábito, e seguiu a rio-grandense.

Aquela família, que tivera o seu gadinho, as suas bestinhas, e hoje a correr mundo com o lar às costas, como ciganos, lhe reaparecia, porém, com as correções de personagens de contos vazados pelo buril da frase meditada. A sua primeira idéia foi convidá-los para permanecerem no Poço da Moita até quando quisessem. Era isto um sentimento de tributo que entendia prestar à sua província, conquanto os retirantes não fossem pernambucanos. E o fez.

No dia seguinte, olha lá implicâncias da Margarida! Mas os senhores do Poço da Moita não batiam boca em suas terras.

A senhora manifestava-se por atos, por gestos, e sobretudo por um certo silêncio, que amargava, que esfolava. Porém desmoralizar escancaradamente ao marido, não era com ela. Disse-lhe apenas:

— Vossa Senhoria querará construir aqui uma cidade com gente da sua terra?

— Oh, Guidinha! Aquilo são gentes muito boas, o Antônio e a mulher. Aposto que em oito dias ficará mais amiga deles do que mesmo eu.

— É. Mas eu obro mal em socorrer aos retirantes! — e calou-se, agüentando a dentada. Na verdade, ainda na véspera ele havia incriminado de excessiva a liberalidade para com uma canalha ruim como eram aqueles pés de poeira!

Antes de reentrar no seu duro silêncio, Margarida ainda mordeu ao gordão do marido:

— A Guidinha só protege a cabra ruim!

As negras receberam ordem para meter no serviço a gente do tal compadre Silveira: as cunhadas, ao fuso; os cunhados, ao campo, tratar do gado com os vaqueiros; a mulher e as irmãs, que se ocupassem da ninhada. Margarida não tivera filhos, e como os desejasse com a força de suas vontades, tratava sempre bem aos pequenitos e às mães que estavam criando. Não era isso uma sentimentalidade cristã, uma ternura, era o egoísta e cru instinto da maternidade, obrando por simpatia carnal. Quanto ao pai do lote (referia-se ao Antônio), esse que fosse ajudar ao vaqueiro das bestas.

Ordens dadas, o Quinquim referendava. Cada um moralizava o outro, para moralizar-se a si.

Mas em pouco tempo tornou-se aquela implicância da senhora em aberta proteção aos Silveiras, cuja boa conduta a chamara ao rego, paulatinamente.

Era o mês de março, passado um ano. Por sobre a casimira verde das beldroegas polvilhavam-se constelações deslumbrantes de mica, ao sol nascente.

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

